



*Vídeo*

*Espaço Random | Conselho de Cultura | UMa 2024*

---

***Movimentos codificados: uma performance na fronteira entre a inteligência artificial e a dança contemporânea***

**BAÍA REIS, António**

**URL:** <https://conselhodecultura.uma.pt/er-videos/>

**DOI:** 10.34640/ervideouma2024reis

**Comissão Científica**

António Baía Reis – Universidad Carlos III de Madrid (ES)

António Laginha – CDO – CLEPUL-FLUL (PT)

Ana Isabel Moniz – UMa – CEC-UL (PT)

Cláudia Marisa – ESMAE – IS-UP (PT)

Duarte Encarnação – UMa (PT)

Guida Mendes – UMa – CIE (PT)

Inês Rebanda Coelho | CECC- UCP

Mônica Medeiros Ribeiro – UFMG (BR)

Romy Castro | ICNOVA – CM&A

Teresa Norton Dias – UMa – CEMRI (PT)

Sandra Meyer Nunes – UDESC (BR)

**Coordenação Editorial**

Nascimento, Andreia & Norton-Dias, Teresa

---

**Data do documento:** março 2024



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

## **Movimentos codificados: uma performance na fronteira entre a inteligência artificial e a dança contemporânea**

**António BAÍA REIS**

A proposta desta intervenção resumia-se à ideia de alimentar o “bicho-máquina”, ou seja, um ChatGPT4 customizado e nutrido pela ideia de criar uma coreografia com a condição fundamental de associar e combinar o menos possível informações da história, da técnica e demais dimensões convencionais associadas à dança. A ideia era enganar o “bicho-máquina”, programando-o para nos enganar a nós de forma otimizada. O “bicho-máquina” tinha de criar uma coreografia com uma temática, fruto da sua “criatividade”, como se tivesse “consciência artística”, coisa que não é hoje possível, mas que se debate desde sempre nos discursos e profecias tecnofuturistas.

Criada a coreografia, ironicamente, subordinada ao tema da criação do universo e da origem do Homem - o que me parece curioso porque de todas as temáticas que poderia explorar, a inteligência artificial (IA) opta por algo profundamente genesiaco, telúrico até - fui o receptáculo, o meio entre o “bicho-máquina” e o bailarino David Sousa, aluno do Curso Profissional de Intérprete de Dança Contemporânea do Conservatório - Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode. Curioso que na história da relação entre tecnologias e humanos, o meio sempre, ou quase sempre foi a máquina, intermediária de comunicação de humano a humano. Aqui, os papéis defumaram-se. O homem era o meio entre a máquina e o humano. De máquina a humano a humano. Senti-me quase coisa nenhuma porque afinal não criei nem interpretei. Senti-me artisticamente em terreno infértil.

A *performance* começou e à medida que eu transmitia e recitava a coreografia ao David, ele deu-lhe vida, deu-lhe expressão, fazendo com que até o meu mero papel de receptáculo da máquina ganhasse outra dimensão. A fluidez do movimento da *performance* do David revestia a aparentemente inóspita e apática coreografia criada pela IA em algo profundamente visceral e orgânico.

O evento teve lugar no Quinta Magnólia - Centro Cultural, no Funchal, na ilha da Madeira, numa sala ampla onde decorria a exposição de pintura “A Sala da Senhora - Take 2”, da artista Filipa Venâncio. Seduziu-me esta “casualidade”. O habitar da dança entre as obras da Filipa trouxe outra camada à relação interartes que esteve na origem deste trabalho. David improvisou a coreografia da IA sob o olhar atento das telas da Filipa. Esta exposição explora a apropriação de lugares e de objetos, onde os últimos invadem espaços improváveis, bebendo influências do cinema que se imiscuem na arquitetura de lugares e palacetes históricos da ilha da Madeira. Da mesma forma, a *performance* do David e da IA invade a exposição da Filipa, transportando um simbolismo inesperado. Como se universos paralelos, que não dependem de um tempo e espaço lineares, se abrissem à nossa perplexidade. Um festim de dança, tecnofilosofia, arquitetura, espaço, objetos, cinema, som, respirações e momentaneidade.

Terminada a *performance*, foi tempo de abrir a discussão a quem a sentiu. O diálogo foi rico, provocador, hesitante, mas, sobretudo, houve partilha de ideias entre alunos do Conservatório das áreas da dança, do teatro e dos media, dos professores e dos convidados. Destaco o relato honesto do David, que partilhou o que sentiu, que exaltou a beleza da dança e do movimento como algo profundamente livre, permeável a ser barro artístico de tudo aquilo que o desafie, seja orgânico ou artificial.

Ficam questões no ar que despoletam vontade de fazer mais, de transgredir mais: De que forma a interação entre a dança contemporânea e a IA ou outras tecnologias emergentes redefine os limites e as possibilidades da expressão artística? Até que ponto a IA pode ser vista como um agente criativo independente na dança, e quais são as implicações éticas dessa autonomia? Como é que a experiência do David, servindo como intermediário entre a IA e a expressão física da dança, transforma a nossa compreensão do papel do artista e do *performer* na era digital? Qual o impacto da localização e do contexto artístico, como a *performance*, ocorrendo entre as obras de Filipa Venâncio, na interpretação e na experiência da dança? Que novas formas de movimento, expressão e narração podem emergir dessa colaboração entre humanos e algoritmos? Como é que a exploração entre a dança e a IA influencia as futuras práticas coreográficas e a formação de dançarinos e coreógrafos? Como nos definimos como criadores e espetadores de arte na interseção de realidades orgânicas e artificiais? Que possibilidades surgem do cruzamento de disciplinas na criação artística e como isso desafia nossa percepção de categorias artísticas tradicionais? Que novos territórios filosóficos e estéticos emergem na fusão entre a tecnologia e as práticas artísticas humanas? Que significados podemos encontrar na encruzilhada de tudo isto? Como nos definimos como criadores perante futuros que tanto podem pender para utopias como distopias? Não me interessam *hypes* nem *buzzwords* aliciados por *Return On Investment*, interessa-me o sentir, o pensar, o devir artístico.

Quero mais e vou fazer mais. Soube-me a pouco porque sofro de uma gulodice artística sem fundo e da vontade de cruzar disciplinas e crescer nesse hibridismo onde matéria intelectual, filosófica, criativa e humana se encontram momentaneamente na encruzilhada do fazer arte enquanto ato de verdade absoluta e diálogo.

**Nota:** Esta performance foi originalmente concebida por António Baía Reis, Petr Vašků e Sára Solmošiová em 2023, durante um workshop e residência artística na JAMU Theatre Faculty em Brno, República Checa. A sua apresentação inicial ocorreu na Conferência de Teatro JAMU 2023.

**Agradecimentos:** Este trabalho só foi possível pela colaboração entre o Conselho de Cultura e o Laboratório de Performance Experimental da Universidade da Madeira, o Curso Profissional de Intérprete de Dança Contemporânea do Conservatório - Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode e a Quinta Magnólia - Centro Cultural.